

Mulher pecadora é uma utopia

N. 4/1/54

por Sarimate Manjate

Não dispondo de valores numéricos para uma comparação quantitativa, não lograria julgar o equilíbrio entre canções que criticam a mulher ou o homem.

Todavia, é de observar o seguinte: se bem que canções criticam a mulher não existam em maior peso, ao menos constam da maior divulgação nos nossos auditórios. Vale a pena assim dizer, pois, para quem não julga a questão da divulgação, ao menos pode encontrar neia uma solução para a questão do equilíbrio numérico.

Sou também da opinião que não há mulher pecadora sem homem pecador.

O pecado versado pelos nossos músicos frequentemente atribuído à mulher é um problema de toda a sociedade e não estritamente da mulher cantada.

Dentro dos meus esquemas ópticos, apesar de a sociedade humana existir dividida em homens e mulheres a acção social (da mais restrita à mais global) em grande parte não é em função de tal divisão.

Se o que acaba de dizer não é já novidade para ninguém, resta agora reconhecer que existe um considerável número de canções que criticam alguns dos comportamentos errados do lado masculino da sociedade.

Não obstante, existe também um considerável e pesado número de cantores que, ao meu parecer, escolheram dedicar a sua bem-ávida criatividade artística aquilo que eu chamaria de crónica febre masculina de lamentar as suas desventuras no mundo feminino. Estes autores são famosos e largamente divulgados nos nossos auditórios.

Desde as paradas dos «Xiricos» até ao etc., anda tudo lúgubre. Se não lamentam emoções sem eco, queixam-se de paixões frustradas; se não se queixam de amores desventurados, reclamam uniões adulteradas.

A dimensão dos assuntos é astronómica, a voz chega a ser estrondosa, o conteúdo é deveras impressionante.

Como tal, ultrapassa de tal maneira a dimensão de uma imagina-

ção ou ficção que chega a atingir um certo cepticismo, pelo menos cá do meu lado.

Como marca registada, o maestro do coro denunciante é o homem, sendo a mulher o protagonista do drama; isto sem pretender generalizações.

A mulher, por ser mulher, tem as suas virtudes que vale a pena ter em consideração.

Se bem que não somos uns pobres azarados, cuja vida anda tecida num enredo de desventuras e amarguras causadas pelas mulheres devemos então cantar o lado mais feliz da nossa vida em apologia às mulheres que foram metade dessa felicidade.

Aos nossos bem-ávidos músicos, apraz-me confidenciar que apesar de a mulher moçambicana parecer-nos «pecadora», tem muita beleza por versar e cantar. Convido todos os nossos músicos a viajarem pelo mundo inteiro, para ao fim da viagem, ficarem todos arrependidos por tanto tempo e paciência perdidos, sem com isso encontrarem, nos cinco cantos do Mundo, uma mulher de tal maneira linda como a mulher moçambicana.

Como tal, o artista que melhor versar e cantar a beleza da mulher moçambicana, terá a honra de ser o autor da canção mais bela do Mundo (...)

Volto ao assunto para discordar com o empirismo, segundo o qual, a existência de «críticas» de autoria feminina seria uma solução para a questão em causa.

NO FUNDO O PARADOXO DA QUESTÃO

A questão fica para mim duplamente paradoxal. Em duplo por se tratar da mulher na sociedade moçambicana e da música na sociedade culturalmente vastíssima e efervescente de transformações como é o caso de Moçambique.

Ir até ao fundo deste duplo paradoxo seria enveredar por um naufrágio, ao qual não me atrevo aventurar.

Começaria por dizer que em Moçambique, é bem possível encontrar

mulheres a cantar das suas amarguras do que homens.

Ao dizer **Moçambique e cantar**, estou certamente fora do conceito e dimensão preconizados pelas co-leitoras que levantaram a palavra neste assunto. Ao dizer **mulheres a cantar**, estou, igualmente, fora das ópticas preconizadas pela senhora Joana Magala e demais intervenientes no assunto.

Antes de ir mais além, impõe-se-me um breve postulado: opto por dividir Moçambique, em tradicional e moderno, mas esta divisão não é nada cómoda, pelo que para não entrar em jogo a volubidade dos termos **tradicional e moderno**, prefiro substituí-los por **rural e urbano**, respectivamente.

Ora, nos meios rurais, quem nos canta, é a mulher. É a mulher que exprime os seus dissabores e ciúmes, quando vive com um marido polígamo. Asseverando, diria que nas condições normais, a mulher rural está sempre a cantar, seja o que for (é quando vai à fonte, quando cultiva, quando busca lenha, quando cozinha...). As jovens não casadas também não se alheiam ao coro.

Não pretendo dizer que o homem rural não canta. Também canta, apesar de ser mais assobiador e ser mais instrumentalista que vocalista. Todavia, por vezes, o homem rural é tanto vocalista como instrumentalista, versando os mais diversos temas, sem se ocupar apenas de apreciar a sua companhia. Infelizmente, estes compositores só são conhecidos quando as suas vozes chegam à cidade, só entram nos auditórios, quando trazem a guitarra como cartão de visitas.

Nos meios urbanos, as coisas tendem ao inverso. A mulher urbana tem mais tempo para conversar e para jogar às correrias da cidade que tempo para cantar. Quando se dá ao prazer de cantar, apenas repete o que já está cantado. São raras as ocasiões em que ela sobe ao palco.

Aqui, só o homem canta, grava e interpreta em público. Empiricamente, seria esta a razão, pela qual existem mais canções que fazem aquilo que

os seus autores pretendem designar por crítica à mulher.

Para mim, a questão está na atitude do autor e nos preconceitos que o guiam na sua carreira. É em função de tais preconceitos, que alguns músicos, com os mesmos olhos, vêem a mulher e o homem em ópticas diferentes ou adversas — miragem ideológica.

O PARADOXAL DA QUESTÃO — UM PROBLEMA CULTURAL

Ora, dentro dos meus esquemas ópticos, tudo passa por uma questão de concepção, por um problema de cultura social. Explicando-se a partir daí, o facto de a mulher urbana co-existir como personagem inócuo e a ser considerada pecadora.

1.º) Se disse que a mulher rural está sempre a cantar, há que ter em conta que, além de a circunstância de lugar, de meio social e equipamento sociais diferirem das urbanas, os personagens são, também, diferentes em múltiplos aspectos e aquilo que nos meios rurais se chama canção e música, é bem distante daquilo que é música aceite nos meios urbanos ou no caso part cular de Maputo.

2.º) Os moralistas rurais, não tomam com exotismo a mulher cantora do seu meio; mas, o mesmo já não se passa nos nossos meios. Um jovem com uma guitarra a tiracolo, é visto com uma emoção positiva ao atravessar uma aldeia rural. Uma mãe simpática poderá convidá-lo a tocar para nos ouvirmos. Enquanto que, um guitarrista, cuja canção está em primeiro lugar da «Parada de Sucessos» quando atravessa um bairro urbano com o seu instrumento em pleno som, ao passar pela casa do juvete da RM recém-premiado por ter votado na canção vencedora, se este não for músico o guitarrista anónimo como um associado (?) que passa para seduzir a minha mulher, toma-o como um vadio que vem corromper as minhas filhas.

Ora, meus senhores, com estes preconceitos (supondo que não estou

exagerando) imaginemos, agora, a moçinha toda requintada que com a mesma guitarra, atravessa o subúrbio, rumo ao local onde vai ensaiar uma canção, com a qual critica o homem pecador. Antes de chegar ao local, já mais de mil transeunias, homens e mulheres, lhe terão chamado pecadoríssima, pelo simples facto de andar à noite a tocar violas.

Muitas bocas cheias de moral até aos papos, exc amaram: — a nge na ku yaka munt. (é incapaz de formar família), a nge wu tenderi ndango (é incapaz de ser boa dona de casa)... e por aí fora, agravando-se, caso ela traje calças apertadas.

Meus prezados senhores, não serão estes moralismos adversos que tornam muda a mulher urbana? Não será isto, o que faz com que aqueles que cantam, apenas vejam na mulher, o pecado ou o pecado apenas na mulher?

Pesam na mulher urbana, três tipos divergentes de concepções. São concepções marxistas-enxutas, puritanistas das doutrinas religiosas preconceitos ortodoxos e tabus dum tradicionalismo e conservadorismo, ainda vivos e toda uma gama de dogmas que giram em volta de tudo isso (os dois últimos).

O paradoxo, também existe no facto de a maioria dos nossos bem-ávidos críticos estarem simultaneamente sob influência de, pelo menos, duas das concepções acima mencionadas.

É nestas condições de dupla influência de concepções ou de dupla subordinação ideológica ou, mais claramente, de adversas influências que o nosso crítico se comporta. É sob a dupla influência, da sua dupla subordinação que a partir de um caso particular, generaliza o resto; tenta aplicar o mesmo padrão para todas as situações e circunstâncias. Ou por outra tenta fazer todo o mundo aber num padrão homogéneo que aém de abstracto é uma mera utopia. Pois, meus prezados senhores e meus crítico-críticos, é daqui, onde, muitas vezes, nasce o barulho da questão,